

A análise habermasiana dos conflitos sociais: novos potenciais de protesto e apaziguamento da luta de classes?

Sandro Assencio*.

Introdução

Jürgen Habermas (1929), o filósofo contemporâneo que mais empenhou em traçar um diagnóstico completo de nosso tempo¹, defende a tese de que a colonização do mundo da vida ou seja, a intromissão dos meios econômico e político na esfera da sociabilidade entre sujeitos linguisticamente competentes, cuja característica básica é a ausência de qualquer possibilidade de dissentimento na medida em que exibe traços de uma incomunalidade em sentido radical o não significou a eliminação dos potenciais de protesto. Ao contrário. Para o herdeiro crítico e representante da segunda geração da chamada Escola de Frankfurt², novas possibilidades de lutas sociais estão emergindo,

* Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professor do departamento de pós-graduação em Ciências Sociais e do curso de Geografia da Fundação Santo André (FSA).

¹ GIANNOTTI, José Arthur. Habermas: mão e contramão. In: Novos estudos, nº 31. São Paulo: CEBRAP, 1991, p. 7.

² Sobre a relação entre Habermas e o conteúdo programático da Teoria Crítica de Adorno e Horkheimer, ver: FREITAG, Barbara. A teoria crítica: ontem e hoje. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 52 a 65.

não mais questionadoras da esfera da produção e reprodução da vida material, mas promotoras de práticas alternativas que se voltam contra a instrumentalização do mundo da vida.

Nesse sentido, no presente artigo procuramos analisar a validade das assertivas habermasianas no que diz respeito à passagem da chamada *velha política*, ainda presa às questões econômicas e sociais, ancorada nas reivindicações dos trabalhadores e dos empresários para a *nova política*, defensora dos interesses da *nova classe média*, das *gerações mais jovens* e dos *grupos de formação escolar qualificada* e que se define por três tipos de potenciais de protesto, elencados na *Teoria do agir comunicativo*: *potenciais de emancipação*, *de oposição* e *de fuga*.

A afirmação teórica da redução e da descentralização da categoria trabalho e do apaziguamento da luta de classes³

Com o conjunto de ensaios publicado em agosto de 1968 sob o título *Técnica e ciência como ideologia*, Habermas pretende fundamentar teoricamente a descentralização da categoria trabalho e tão cara à teoria crítica tradicional e afirmar o apaziguamento da luta de classes. Nesse sentido, suas críticas recaem, num primeiro momento ao arcabouço teórico marxiano, cuja falta capital, segundo o sociólogo, foi ter-se apoiado em categorias analíticas que tem se mostrado inúteis no que se refere à correta apreensão das relações sociais travadas no seio da atual fase do capitalismo e do *capitalismo tardio*.

³ Nesse item e no próximo reproduzimos, de forma condensada e com modificações, discussão desenvolvida na segunda parte de nossa dissertação de mestrado, orientada pelo Prof. Dr. Celso Frederico e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Cf. ASSENCIO, Sandro. Trabalho e comunicação: a categoria fundante da sociabilidade humana em Marx e Habermas. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) e Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Nesse sentido, Habermas, ao recusar aquilo que identificou na obra do autor de *O capital* como o motor da evolução social orientado à emancipação humana e a conexão entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais de produção, defende tese polêmica: sob a base do moderno estado capitalista, a técnica e a ciência se fariam presentes como formas ideológicas, ou seja, como formas indispensáveis à manutenção do poder dentro da sociabilidade do capital.

De acordo com suas palavras:

A forma privada da revalorização do capital e a chave de distribuição das compensações sociais, que garantem a lealdade da população, permanecem *como tais* subtraídas à discussão. Como variável independente, aparece então um progresso quase autônomo da ciência e da técnica, do qual depende de fato outra variável mais importante do sistema, a saber, o crescimento econômico. Cria-se assim uma perspectiva na qual a evolução do sistema social *parece* estar determinada pela lógica do progresso técnico-científico. (...) A mim, parece-me ser muito mais importante que ela possa penetrar como ideologia de fundo também na consciência da massa despolitizada da população e desenvolver uma força legitimadora⁴.

Em *Técnica e ciência como ideologia* é afirmado, portanto, que o desenvolvimento das forças produtivas, ao contrário do que, de acordo com a análise habermasiana, havia postulado a teoria marxiana, não significou um potencial de libertação dos homens nem tampouco provocou o surgimento de movimentos emancipadores. Diferente disso, o incremento incessante das forças produtivas se tornou dependente de um progresso técnico-científico, o qual assume também funções *legitimadoras da dominação*⁵.

Habermas argumenta, em defesa de sua tese, que Marx

⁴ HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1987, pp. 73-74.

⁵ *Id. Ibid.*, p. 83.

não conseguiu apreender tal fato por não ter estabelecido, no interior de seus escritos, a fundamental diferença entre *trabalho* e *interação*. Sendo assim, a insuficiência das análises marxianas reside no fato de estarem presas aos sistemas da óção racional referente a finsö, ou seja, à esfera da economia, que toma como parâmetro apenas a óção controlada pelo sucessoö, a ódecisão racionalö e a óção instrumentalö. Dito de outro modo: ao estar ancorada não na esfera institucional das formações sociais, mas na esfera da produção e reprodução da vida material dos homens, a teoria marxiana não mais dá conta de explicar a realidade produzida pelo ócapitalismo tardioö.

Visando dirimir tais insuficiências, Habermas se propõe a estabelecer öum outro quadro categorialö para a investigação da sociedade, cujo conteúdo seria determinado predominantemente pela ödistinção fundamental entre *trabalho* e *interação*ö: o primeiro é entendido como simples óção instrumentalö orientada por öregras técnicas que se apoiam no saber empíricoö, e que faz uso de ömeios que são adequados ou inadequados segundo critérios de um controle eficiente da realidadeö; já a segunda é entendida como öuma interação simbolicamente mediadaö orientada por önormas de vigência obrigatória que definem as expectativas recíprocas de comportamento e que têm de ser entendidas e reconhecidas, pelo menos, por dois sujeitos agentesö⁶.

Habermas, sempre se baseando nessa diferenciação entre trabalho e interação, vai classificar, conforme predominância de um ou de outro, aquilo que chamou de ösistemas sociaisö que se formaram ao longo da história. Nesse sentido, acredita que, ao analisarmos uma sociedade, devemos distinguir seu quadro institucional (ou o mundo do viver sociocultural, onde estariam contidas as önormas que guiam as interações verbalmente mediatizadasö), dos subsistemas da

⁶ *Id. Ibid.*, pp. 57-58.

ação racional referente a fins (economia e burocracia): é a separação entre mundo da vida (*Lebenswelt*) e sistema, que foi largamente fundamentada em sua *Teoria do agir comunicativo*.

Outra característica importantíssima apreendida por Habermas em sua análise da fase atual do modo de produção capitalista é o estardo-capitalismo, que foi denominada de *apaziguamento da luta de classes*, provocado por aquilo que identificou como política de compensações cujo resultado mais imediato é assegurar a lealdade das massas dependentes do trabalho que não mais questionam a ordem do capital⁷.

Entretanto, conforme esclarece Habermas, o apaziguamento do conflito de classes não deve ser imediatamente identificado à eliminação das reais contradições de classes onde o capitalismo se faz presente, tais contradições ainda persistem, incrustadas sem cessar na estrutura da sociedade devido à regularização do capital em termos de economia privada, mas tão somente à sua *latência*. Assim, diferente, portanto, da fase liberal, a fase tardia do capitalismo se singulariza por criar condições socioeconômicas que impedem a eclosão da luta de classes, mediante a aplicação, por parte do estado, de políticas de compensações que asseguram a lealdade das massas.

Nesse sentido, mesmo que no âmbito da produção material a sociedade se mostre objetivamente cindida em campos antagônicos, embora o sociólogo não se expresse nestes termos, convém deixar claro que nestes campos estão presentes, de um lado, as *personae* do capital, cuja característica principal resume-se em posse e controle exclusivos de todos os insumos necessários à produção sob o capital; e, de outro, as *personae* do trabalho, que, por sua vez, exibem como característica a não-propriedade destes insumos, sendo obrigado, sob pena de perecer, a trabalhar para os

⁷ *Id. Ibid.*, pp. 76-77.

primeiros sob condições as quais não podem exercer qualquer controle ó, a agudização dos conflitos entre as classes não mais se verificará enquanto a õlealdade das massasõ for assegurada õpor meio de compensações destinadas à satisfação de *necessidades privatizadasõ*⁸. Nesse sentido, a política, segundo um Habermas inspirado em Offe⁹, serviria tão somente para prevenir as õdisfuncionalidades e para o evitamento dos riscos que possam ameaçar o sistema; portanto, a política não visa *a realização dos fins práticos*, mas a *resolução de questões técnicasõ*¹⁰. Dito de outra forma: à política não cabe õprojetos utópicosõ de alteração do modo de produção vigente; apenas projetos visando sua manutenção através de aperfeiçoamentos ou corretivos.

O mundo da vida: locus dos movimentos sociais de contestação política

Uma vez afirmadas a redução e a descentralização da categoria trabalho ó e, portanto, o consequente apaziguamento da luta de classes ó, Habermas busca fundamentar em sua *opus magnum A teoria do agir comunicativo*, publicada em 1981, o locus dos movimentos sociais e de contestação política naquilo que denominou como õMundo da vidaõ (*Lebenswelt*). Mas o que caracteriza o õMundo da vidaõ? Em linhas gerais, podemos afirmar que Habermas atribui ao seu conceito três características básicas:

ó a primeira, é o seu caráter de õcomunalidade em sentido radicalõ: o mundo da vida nunca é problemático, ou melhor, õé anterior a qualquer possibilidade de dissentimentoõ; pois, sendo comum a todos os participantes numa interação

⁸ *Id. Ibid.*, p. 81.

⁹ Cf. OFFE, Claus. Trabalho como categoria sociológica fundamental? In: **Trabalho e sociedade**. Vol. 1: õA Criseõ. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, pp. 16-18.

¹⁰ HABERMAS, Jürgen. *op. cit.*, p. 81.

linguística, ã não poder ser, a exemplo do que ocorre com o conhecimento intersubjetivamente compartilhado, contestado;

ó a segunda, é a ã certeza de que o mundo da vida contém um *a priori* social inscrito na intersubjetividade do entendimento linguísticoö. Nesse sentido, os membros de uma sociedade se consideram como partes integrantes do mundo da vida *no plural* ó uma comunhão que ã se assenta, certamente, em um conhecimento sobre o qual existe consenso, em um acervo cultural de conhecimento comum a todosö.

ó a terceira, é que é impossível aos sujeitos agentes e falantes ultrapassarem os limites internos do mundo da vida ó não há como escapar a ele: ãO mundo da vida constitui o entorno onde os horizontes situacionais se descolam, se dilatam ou se contraem. Ele forma um contexto em que ele próprio, sem limites, delinea limitesö¹¹.

Sendo assim, explica Habermas, o mundo da vida pode ser definido como:

õo lugar transcendental em que os falantes e os ouvintes se encontram; onde podem levantar, uns em relação aos outros, a pretensão de que suas exteriorizações condizem com o mundo objetivo, social e subjetivo; e onde podem criticar ou confirmar tais pretensões de validade, resolver seu dissenso e obter consenso. Numa palavra, no que tange à linguagem e à cultura, os participantes não conseguem atingir *in actu* o mesmo distanciamento possível em relação à totalidade dos fatos, das normas das vivências, os quais podem ser objeto de um possível entendimento (*Verständigung*)ö¹².

Como lugar transcendental, o mundo da vida se manifesta nas infinitas interações linguísticas empreendidas cotidianamente. Nesse sentido, pode ser apreendido como uma espécie de ã horizonte no qual os que agem comunicativamente

¹¹ HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo, 2: sobre a crítica da razão funcionalista**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 228-230.

¹² *Id. Ibid.*, p. 231.

se encontram desde sempre¹³. E neste movimentar-se ininterrupto, tais agentes provam que sua *linguagem* e sua *cultura* não se constituem em elementos externos ao mundo da vida; ao contrário, perfazem-no.

Assim, sempre segundo o sociólogo, onde pelo menos dois sujeitos linguística e interativamente competentes estiverem presentes travando uma relação dialógica com o objetivo de alcançar um entendimento sobre determinado fato, objeto, acontecimento etc., um fragmento do mundo da vida emergirá, constituindo para eles naquilo que o sociólogo denominou de situação da ação, que fornece uma esfera de *necessidades atuais de entendimento* e de *possibilidades de ação*¹⁴.

Ao fundamentar-se na prática comunicativa cotidiana, o conceito habermasiano de mundo da vida mostra que, como categoria fundante da sociabilidade humana, a ação comunicativa, *Sob o aspecto funcional do entendimento* (...) se presta à tradição e à renovação de um saber cultural; e, sob o aspecto da *coordenação da ação*, ele possibilita a integração social e a geração de solidariedade; e, sob o *aspecto da socialização*, o agir comunicativo serve à formação de identidades pessoais¹⁵.

Dito de outro modo, a ação comunicativa preserva aquilo que Habermas identifica como *componentes estruturais* do mundo da vida, isto é, a cultura, a sociedade e a personalidade:

«A *cultura* constitui o estoque de conhecimento ou reserva de saber, do qual os participantes da comunicação extraem interpretações no momento em que tentam se entender sobre algo no mundo. Defino *sociedade* por meio das ordens legítimas pelas quais os participantes da comunicação

¹³ *Id. Ibid.*, p. 218.

¹⁴ *Id. Ibid.*, pp. 225-226. Grifos do autor.

¹⁵ *Id. Ibid.*, p. 252. Grifos do autor.

regulam sua pertença a grupos sociais, assegurando a solidariedade. Interpreto a *personalidade* como o conjunto de competências que tornam um sujeito capaz de fala e de ação ó portanto, que o colocam em condições de participar de processos de entendimento, permitindo-lhe afirmar sua identidade¹⁶.

Habermas afirma que cada componente estrutural do mundo da vida exerce uma função determinada: a *cultura*, ao fornecer um conteúdo de ãconhecimento válidoã para que os participantes de uma interação linguística satisfaçam suas ãnecessidades de entendimento existentes no mundo da vidaã, contribui para a manutenção das instituições existentes e estabelece padrões de comportamento; a contribuição da *sociedade*, ãconsiste, por um lado, na *pertença de indivíduos* a grupos, *legitimamente reguladas* e, por outro, em vínculos de caráter moral ou *obrigações*õ, fornecendo a todos os participantes numa interação linguística o seu conjunto de valores culturais; por fim, a contribuição da *personalidade* consiste em desenvolver, em tais participantes, ãuma identidade tão sólida que lhes permita dominar com pleno sentido de realidade as situações que surge em seu mundo da vidaã¹⁷.

Ao forjar o conceito de mundo da vida Habermas chama a atenção para sua incompletude ou limitação. A fim de superar os limites inerentes à sua aplicação isolada para a análise das formações sociais, se propõe a combiná-lo com outro conceito ó o de *sistema*: ãproponho que a sociedade seja concebida, ao mesmo tempo, como mundo da vida e como sistemaã¹⁸.

Em sua *Teoria do agir comunicativo*, ao propor a análise das formações sociais a partir da aplicação do par conceitual sistema e mundo da vida, o sociólogo vai afirmar que o

¹⁶ *Id. Ibid.*, pp. 252-253.

¹⁷ *Id. Ibid.*, p. 255.

¹⁸ *Id. Ibid.*, p. 220.

o problema fundamental de toda teoria da sociedade é consistir em identificar como ambos os conceitos se articulam entre si.

Conforme elucidado por Habermas, por *sistema* é ou integração sistêmica, que desconecta a coordenação da ação da *formação linguística do consenso*¹⁹, por oposição a integração social, que proporciona aos participantes na interação linguística alcançar o consenso por intermédio do emprego da linguagem. É devemos entender o *locus* das esferas econômica e burocrática, cuja característica principal é ter como meios de controle o *dinheiro* e o *poder*, dois elementos que tomam o lugar da linguagem nos processos de entendimento, fazendo-se assim responsáveis pela *tecnicização do mundo da vida*²⁰:

Meios de comunicação não linguísticos, tais como o dinheiro e o poder, ligam as interações ao espaço e ao tempo, formando redes cada vez mais complexas e não transparentes que fogem à responsabilidade de qualquer pessoa. E, se a capacidade de responder pelos próprios atos significa que podemos orientar nossas atitudes segundo pretensões de validade criticáveis, uma coordenação da ação desatrelada do consenso produzido comunicativamente, isto é, -desmundanizada- não pode exigir dos participantes da interação a capacidade de responder pelos próprios atos²¹.

Nesse sentido, toda evolução social pode ser entendida como um processo de diferenciação de segunda ordem, porque o mundo da vida e o sistema se diferenciam não somente à proporção que a racionalidade de um e a complexidade do outro crescem, mas também à medida que um se diferencia do outro²². A tarefa principal da teoria social seria, portanto, apreender satisfatoriamente o modo como esta diferenciação entre sistema e mundo da vida se efetiva.

¹⁹ *Id. Ibid.*, p. 330.

²⁰ *Id. Ibid.*, p. 331.

²¹ *Id. Ibid.*, p. 333.

²² *Id. Ibid.*, p. 277.

De acordo com o sociólogo, ao longo da história, tal separação pode ser observada pela primeira vez com o advento de sociedades que se estratificaram em classes organizadas em torno de um estado. Nestas sociedades estratificadas, as posições de poder do sistema se destacam do sistema de parentesco e passam a exercer funções políticas²³.

O passo subsequente, é a exigência, por parte do aparelho estatal, da justificação ideológica de poder, exercido agora não mais por pessoas que, como no sistema de parentesco, são hierarquicamente superiores, mas por funcionários públicos suscetíveis de gozarem de privilégios políticos e econômicos²⁴. Mas o grau mais elevado de desacoplamento entre sistema e mundo da vida, afirma Habermas, pode ser verificado nas sociedades de classes economicamente constituídas:

õ(...) esse meio [o dinheiro] só consegue produzir um efeito estruturador no sistema da sociedade como um todo quando a economia se separa da ordem do Estado. E, junto com o surgimento da economia capitalista na Europa, surge um sistema parcial diferenciado pelo meio -dinheiro- que impõe, por seu turno, uma reorganização do Estado²⁵.

Neste último estágio de evolução do desacoplamento entre ambas as componentes da sociedade, como bem observou Ingram, o mundo da vida tornou-se um mero satélite dos meios dinheiro e poder²⁶.

Em termos sintéticos, podemos afirmar que o diagnóstico habermasiano para as modernas sociedades capitalistas identifica no crescente processo de monetarização e burocratização do mundo da vida a raiz de todas as suas patologias. Os meios deslinguistizados *dinheiro* e *poder* ó isto

²³ Cf. *Id. Ibid.*, pp. 277-278.

²⁴ Cf. *Id. Ibid.*, pp. 296-297.

²⁵ *Id. Ibid.*, p. 298.

²⁶ INGRAM, David. **Habermas e a dialética da razão**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993, p. 167.

é, os meios que exercem seu controle sobre a reprodução social sem recorrer às interações linguísticas ó, como resultado do desacoplamento entre sistema e mundo da vida, passam a sobrepular os atos de fala, impondo a integração social a partir da racionalização cognitivo-instrumental e não da racionalização comunicativa direcionada ao consenso.

Nas sociedades capitalistas modernas, verifica Habermas, quando os meios deslinguistizados *dinheiro e poder* passam a atacar aquele espaço intersubjetivo que emergia das relações entre os sujeitos linguística e interativamente competentes para assim instrumentalizá-lo, o que temos é uma verdadeira *violência estrutural*: õAs influências do sistema sobre o mundo da vida, que modificam a estrutura dos contextos de ação de grupos integrados socialmente sem prejudicar a aparência autárquica do mundo da vida, têm de se ocultar, de certa forma, nos poros do agir comunicativoö²⁷. Instrumentalização e violência estrutural do mundo da vida são processos indissociáveis: ambas levam a uma redução e ao ajustamento da prática comunicativa às orientações da ação cognitivo-instrumental, criando assim as condições para aquilo que Habermas denominou *õcolonização do mundo da vidaö*: os meios deslinguistizados dinheiro e poder acabam minando as estruturas comunicativas do mundo da vida ó estruturas essenciais, já que nelas a prátia comunicativa da vida cotidiana, as interpretações cognitivas, as expectativas morais, as expressões e valores, têm que formar um todo racional ó por intermédio de duas tendências interligadas e mutuamente potencializadas que conduzem õa uma racionalização unilateral ou a uma coisificação da prática comunicativa cotidianaö, gerando assim, de um lado, õuma *reifificação induzida sistemicamenteö* e, de outro, õum *empobrecimento culturalö*.

²⁷ HABERMAS, Jürgen. *op. cit.*, p. 337.

Os novos potenciais de protesto em reposta a colonização do mundo da vida

Habermas afirma que nas sociedades tardo-capitalistas as respostas ao fenômeno da colonização do mundo da vida, provocado pelos meios deslinguistizados d' dinheiro e d' poder, podem ser encontradas, em que pese o engessamento dos conflitos de classe, nos chamados ã novos potenciais de protesto²⁸.

O sociólogo nos chama a atenção para sua particularidade: estes novos movimentos de emancipação em nada se assemelham àqueles movimentos dos trabalhadores do século XIX ou início do século XX. Diferente dos velhos movimentos que visavam a derrocada da ordem do capital através supressão da propriedade privada dos meios de produção, os novos movimentos ã surgem em outras frentes, localizadas ã nos pontos de sutura entre o mundo da vida e o sistema, afirmando assim o deslocamento dos conflitos sociais da esfera da produção para a esfera da interação.

Dito com as palavras do autor: os novos movimentos contestadores ã se propagam em formas de protesto que se desdobram fora dos moldes institucionais e parlamentares, isto é, ã preferencialmente nas esferas da reprodução cultural, da integração social e da socialização, provando assim que ã os novos conflitos são deflagrados por *questões envolvendo a gramática de formas de vida*, não por problemas de distribuição²⁹.

Dito de outra forma: é a passagem da chamada ã velha política, porque centrada em problemas que ferem a produção e reprodução da vida material (economia) e suas implicações sociais, para a ã nova política, cujas discussões, preferencialmente, remetem-se aos temas que dizem respeito

²⁸ *Id. Ibid.*, p. 705.

²⁹ *Id. Ibid.*, p. 706.

ao mundo da vida ó õproblemas da qualidade de vida, dos direitos iguais, da autorrealização individual, da participação e dos direitos humanosõ ó, tocando mais profundamente em certos setores da sociedade como a õnova classe médiaõ, os jovens, e os õgrupos de formação escolar qualificadaõ³⁰.

Essa nova política, ao descolar-se das lutas econômicas, observa Habermas, transforma-se em palco de uma infinidade de lutas particulares, já que seus objetivos contemplam não a totalidade mas setores particulares da sociedade ó de movimentos que reivindicam a emancipação do gênero (movimento feminista), aos que se preocupam com questões ecológicas; de movimentos que defendem a livre escolha em relação à opção sexual, aos movimentos em defesa da fé cristã; dos movimentos em defesa dos idosos e das crianças, aos que defendem os direitos do consumidor e daí por diante.

Em meio a essa ampla gama de movimentos contestação social, Habermas salienta três tipos de potenciais ó de emancipação, de oposição e de fuga ó conforme sua pauta reivindicatória. Assim, como exemplo de movimento emancipatório, o sociólogo chama a atenção para as lutas feministas õcontra a opressão patriarcal e pelo resgate de uma promessa inserida há muito tempo nos fundamentos universalistas do direito e da moralõ³¹, que visam não apenas produzir a õequiparação *formalõ* entre os gêneros eliminando privilégios masculinos mas sobretudo õderrubar formas de vida cunhadas de acordo com o monopólio masculinoõ³². Já os movimentos de oposição e de fuga tem como características objetivar o õ*represamento* de esferas de ação estruturadas comunicativamente, não à conquista de novos territóriosõ, ou seja, garantir direitos já conquistados contra as investidas dos meios õdinheiroõ e õpoderõ. Um exemplo disso é o movimento

³⁰ *Id. Ibid.*, p. 707.

³¹ *Id. Ibid.*, p. 709.

³² *Id. Ibidem.*

ecológico, cujo objetivo precípua é protestar contra os processos evolutivos que afetam claramente *as bases orgânicas do mundo da vida*³³.

Em termos conclusivos, constituídas não por classes sociais, mas por aquilo que Habermas denominou de setores subprivilegiados da vida, as lutas sociais da atualidade exibem como característica a substituição do horizonte generosamente social inscrito nos conteúdos reivindicatórios da categoria social do trabalho pela mesquinhez do horizonte exclusivamente individual delineado pelas propostas contidas nos novos movimentos sociais, na medida em que visam apenas a supressão de necessidades particulares a indivíduos ou grupos e não questionam o modo como a produção social se encontra organizada: assentada na contradição entre capital e trabalho.

Considerações finais

À guisa de considerações finais, queremos apenas levantar uma questão às análises habermasianas à respeito do apaziguamento da luta de classes e dos novos potenciais de protesto que emergiram no contexto do tardo-capitalismo.

Conforme observamos, Habermas deixa claro que as mudanças que eventualmente possam ocorrer na sociedade não ferem a matriz estruturante da sociabilidade ou a produção e a reprodução da vida material dos indivíduos sob a égide da propriedade privada dos meios de produção, mas tão somente a esfera da interação linguística, onde sujeitos (ou grupos) dotados de interesses particulares podem deliberar, democraticamente, com o objetivo de alcançar o *consenso*.

Nesse sentido, conforme observa Borradori, a teoria consensual proposta por Habermas é estruturalmente análoga à natureza aberta do debate que funda a deliberação

³³ *Id. Ibid.*, pp. 710-711.

democrática³⁴. Mas o que a filósofa norte-americana não percebe e o sociólogo alemão aparenta ocultar é que, numa sociedade cindida em classes sociais, subjacente aos supostos diálogos livres e democráticos do mundo do capital, localizam-se relações concretas nada amigáveis porque prenes de interesses econômicos e políticos que viciam o debate sempre em favor da classe dominante. A questão que podemos levantar, portanto, é a seguinte: estaria a análise habermasiana dotada de um caráter ideologicamente apologético à ordem do capital? Pois Habermas, ao afirmar que ão sistema econômico capitalista não apenas uma nova formação de relação de classes, mas também um nível avançado de diferenciação sistêmica, dotado de leis próprias se faz presente, não estaria de costas para a realidade efetiva, retendo-se apenas às situações idealizadas e filtradas pela aparelhagem conceitual de sua *Teoria do agir comunicativo*?

Habermas parece desconsiderar o fato de que

As ideias (*Gedanken*) da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a elas sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, as ideias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. As ideias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante; portanto, as ideias de sua dominação³⁵.

Em suma a análise habermasiana não atenta para o fato de que os conteúdos presentes na comunicação linguística

³⁴ BORRADORI, Giovana. **Filosofia em tempo de terror ó diálogos com Habermas e Derrida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 58.

³⁵ MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã (I ó Feuerbach)**. 10.^a ed. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 72.

desses movimentos contestadores expressam relações sociais concretas e não idealizadas. Assim, numa sociedade cindida em classes sociais, as infinitas interações linguísticas entre os supostos sujeitos comunicativamente competentes que almejam o consenso podem, na verdade, estar limitadas à reprodução das ideias dominantes. Nesse sentido, todo consenso criticamente alcançado nada mais seria do que a acrítica aceitação das autoimagens da ideologia dominante, que não é a reflexão *verdadeira* do mundo social, com a representação objetiva dos principais agentes sociais e seus conflitos hegemônicos mas tão somente uma explicação *plausível*, a partir da qual se possa projetar a *estabilidade* da ordem estabelecida³⁶.

Referências bibliográficas

- ASSENCIO, Sandro. **Trabalho e comunicação: a categoria fundante da sociabilidade humana em Marx e Habermas**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) ó Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BORRADORI, Giovana. **Filosofia em tempo de terror ó diálogos com Habermas e Derrida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- FREITAG, Barbara. **A teoria crítica: ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GIANNOTTI, José Arthur. Habermas: mão e contramão. In: **Novos estudos**, nº 31. São Paulo: CEBRAP, 1991.
- HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- _____. **Teoria do agir comunicativo, 2: sobre a crítica da razão funcionalista**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- INGRAM, David. **Habermas e a dialética da razão**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã (I ó Feuerbach)**. 10.^a ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

³⁶ MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Ensaio, 1996, p. 28.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Ensaio, 1996.

OFFE, Claus. Trabalho como categoria sociológica fundamental? In: **Trabalho e sociedade**. Vol. 1: A Crise. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

Resumo

No presente artigo procuramos analisar a validade das assertivas habermasianas no que diz respeito à passagem da chamada velha política, ainda presa às questões econômicas e sociais, ancorada nas reivindicações dos trabalhadores e dos empresários para a nova política, defensora dos interesses da nova classe média, das gerações mais jovens e dos grupos de formação escolar qualificada e que se define por três tipos de potenciais de protesto, elencados na *Teoria do agir comunicativo*: potenciais de emancipação, de oposição e de fuga.

Palavras-chave: Habermas, conflitos sociais, luta de classes.

Abstract

In this article we analyze the validity of habermasian assertions with regard to the passage of the "old politics", still attached to the economic and social issues, anchored in the workers' demands and entrepreneurs to the "new politics", defending the interests of "new middle class", the "younger generation" and "qualified education of groups" and that is defined by three types of potential protest, listed on the theory of communicative action, "potential emancipation, opposition and escape".

Keywords: Habermas, social conflicts, class struggle.